

## Da minha biblioteca

Lisboa revisitada por Teolinda Gersão  
n'A Cidade de Ulisses

Adriana Nogueira

Classicista  
Professora da Univ. do Algarve  
adriana.nogueira.cultura.sul@gmail.com

Ultimamente, neste espaço do *Cultura.Sul*, tenho escrito sobre livros publicados há pouco tempo, mas isso tem acontecido por pura obra do acaso. Hoje, ao percorrer as prateleiras da minha biblioteca, parei na lombada azul de *A Cidade de Ulisses*, de Teolinda Gersão, datado de 2011 (o que, para quem gosta de livros com mais de 2000 anos, convenhamos que até pode ser considerado muito recente).

Dividido em três capítulos, é o último (da p.159 à 206) que dá o nome ao livro, como se a cidade fosse o ponto de partida (o título) e de chegada (o capítulo final), como um ciclo que se completa, depois de muitas voltas e reviravoltas no percurso das personagens.

Este é um livro muito interior, em forma de carta, onde o narrador expõe a sua vida, os seus amores, os seus mais íntimos pensamentos e ações. Inclusive, confessa vilezas, algo pouco comum, como já Fernando Pessoa ironizava no seu «Poema em Linha Recta»: *Quem há neste largo mundo que me confesse que uma vez foi vil?* Fernando Pessoa que também apadrinha a exposição que o narrador, um artista plástico, elabora com/para aquela que pensa ter sido a mulher da sua vida, *«Lisbon Revisited, numa nova versão, assinada por nós»* (p.16).

## Histórias de (des)amores

Ter-se sido amado facilita muito para se saber amar, como ter sido compreendido

ajuda a compreender ou ter sido livre ajudar a apreciar a liberdade (sua e dos outros). Esta é uma ideia que se desprende pelo modo como as personagens se relacionam e é expressa por Paulo Vaz, o narrador, que se surpreende com a liberdade e o respeito com que a mulher que amava, Cecília Branco, tinha sido criada, que contrastava com a sua própria história de vida: «Os teus pais amavam-se e eram felizes, disseste. Muitas



vezes pensei que foi por teres conhecido o amor de perto, através deles, que eras tu própria tão segura e forte. E que foi por serem tão felizes que sempre te deixaram ser livre e confiavam no teu instinto (...). O meu pai era um homem ríspido, irascível, que trazia para casa a disciplina do exército. Ordens breves, secas, para serem de imediato cumpridas. (...) Muitas vezes senti no en-

tanto que a minha vida consistia nessa tarefa impossível: enfrentar aquele homem, defender-me e defender a minha mãe contra ele» (p.72-75).

A história da mãe de Paulo é, infelizmente, mais comum do que hoje se possa pensar: é o reflexo de uma geração, de um sistema social espartilhado e definido no qual as mulheres não podiam trabalhar sem a autorização do marido, de um



Teolinda Gersão, autora de A Cidade de Ulisses

meio social e económico que considerava o casamento de uma dactilógrafa com um major como uma promoção, de sentimentos de inferioridade reforçados por valores que interessavam à manutenção do estado da sociedade na época. Por exemplo, ela não acreditava como fora possível aquele homem importante interessar-se «pela criatura insignificante que ela julgava ser, (...) respeitável, além de humilde, eficiente e modesta» - p.76.

E Paulo revela-se o resultado desta situação vivida na infância e juventude, de um pai autoritário e uma mãe submissa, que descobre um mundo só seu através da pintura. Paulo ama várias mulheres, mas quando encontra Cecília deixa de procurar, pois com ela tem tudo. Ele tem tudo. Ela não. E quando ela sai de casa, ele escreve: «Lisboa ruiu. Não

posso contar a mais ninguém, porque me diriam louco, mas posso afiançar-te: Lisboa desapareceu contigo» (p.154).

## Lisboa, a cidade de Ulisses

As divagações do narrador levam-no para várias paragens, para diversos países onde viveu e amou, mas a história centra-se em Lisboa, havendo, ao longo do livro, vários momentos em que a sua vida se entrecruza e identifica com a de Ulisses, o mítico fundador da cidade. Há também memórias de momentos mais difíceis, que, por isso mesmo, aproximaram as pessoas: «Vivíamos em equilíbrio num país em desequilíbrio, mas acreditávamos que era um mau momento, transitório. Pediam-nos sacrifícios brutais, mas depois de uma revolução e de um período pós-revolucionário conturba-

do estávamos dispostos a pagar um alto preço por um país democrático normal» (p.110). Aqui, refere-se a 1987, parecendo as condições políticas, infelizmente, muito atuais; porém, não havia, ainda, o desencanto de hoje.

Ulisses vai atravessando o imaginário das personagens, pois «eram (ou podiam ser) histórias nossas. Histórias do país e de Lisboa, Mais tarde pensei ainda outras coisas, que não te contei na altura: a história de Ulisses falava do amor dos homens e das mulheres, da casa que constroem, da aventura arriscada de viverem juntos. Dos alibis que os homens inventam para recuperarem a sua liberdade por inteiro» (p.41). Esperava-se que, ao dizer aventuras arriscadas se referisse às vividas por Ulisses, quando luta contra monstros e outros perigos para poder regressar a casa. Mas não. Arriscada é a aventura de uma vida a dois. Arriscada, quando se partilha essa vida com a feiticeira Circe ou com as sereias. Não com Penélope, que conhece o segredo do quarto partilhado.

Uma Cecília-Circe surge a seus olhos como uma descrente na relação entre ambos: «Ulisses ama Penélope acima de tudo no mundo, se entre eles estiver o mar e ele puder amar todas as mulheres» (p.177). Mas Paulo-Ulisses supera o estereótipo que a feiticeira lhe quer colar: «Do outro lado do Atlântico uma mulher esperava por mim. E eu atravessava o mar por amor dela, porque era grande como o mar o meu amor por ela, o amor que ela sempre esperava encontrar algum dia (...) A mais bela das histórias, a de Ulisses, podia contar-se assim: Um homem vencia os obstáculos do caminho e voltava finalmente para uma mulher amada, que tinha esperado por ele a vida inteira» (p.206).

Longe de Lisboa.



"O ALGARVE!"

Até 30 NOV | 21.30 | Museu Municipal de Arqueologia de Albufeira

Exposição com reproduções das pinturas de George Landmann, que apresenta imagens do Barlavento e Algarve Central no século XIX, captadas por um estrangeiro viajado e curioso



"LOS NUEVOS CAMINOS"

Até 31 OUT | Casa dos Condes - Alcoutim

Natural de Buenos Aires, Pedro Solá herdou da sua mãe e dos seus avós o gosto pelas artes. Concentra no seu espólio a pintura, o desenho, a escultura e a cerâmica